

# REVISTA ADVENTISTA

«Até que todos chegemos à unidade da fé, ao conhecimento do Filho de Deus»  
(S. Paulo, aos Efésios 4:13)

Órgão exclusivamente religioso e de  
informação da União Portuguesa das  
Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

DIRECTOR:

**A. DIAS GOMES**

RÉDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA JOAQUIM BONIFÁCIO, 17  
TELEFONE 4 2169 LISBOA

PREÇOS:

Cont. e Ilhas Colónias

Número avulso . 1\$50 2\$00

Assinatura anual 7\$50 10\$00

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES  
32, Rua das Picoas, 34 LISBOA

MARÇO-ABRIL DE 1948

n.º 45

## Assuntos secundários

«Tenho querido dizer aos meus irmãos e irmãs: Mantende-vos junto da instrução encontrada na Palavra de Deus. Baseai-vos nas ricas verdades das Escrituras. Só desta maneira vos podeis tornar um em Cristo. Não tendes tempo nenhum para entrar em controvérsia com respeito a acto de matar insectos. Jesus não requer de vós essas controvérsias. Que relação há entre palha e trigo? Esses assuntos secundários são como feno, lenha, lixo, quando comparados às verdades para estes últimos tempos. Os que abandonam as grandes verdades da Palavra de Deus para falar de tais assuntos, não pregam o Evangelho. Entrefêm-se com ociosa sofística que o inimigo lhes apresenta para desviar a mente das verdades concernentes à sua eterna salvação. Não podem apresentar uma só palavra de Cristo para defesa das suas suposições.

«Não percam tempo na discussão destes assuntos. Se tiverem qualquer hesitação sobre o que devem ensinar, sobre os assuntos fundamentais, dirijam-se aos discursos do Grande Mestre e sigam as Suas instruções...

«Teorias erradas, sem autoridade da Palavra de Deus, aparecerão vindas da direita e da esquerda, e para os fracos tais ideias parecerão verdades que os façam sábios. Mas de nada valem. No entanto, membros há, em grande número, habituados a comida barata, com dispesia religiosa. Homens e mulheres enfraquecem a sua experiência religiosa coleccionando contos ociosos e apresentando-os como assuntos dignos de atenção. O povo de Deus não deve ter tempo para se preocupar com questões indefinidas, frívolas, sem relação com as exigências de Deus.»

a nossa

# RESSURREIÇÃO ESPIRITUAL

«Ressuscitou, não está aqui».

Jesus com a sua morte resgatou-nos e justificou-nos; com a sua gloriosa ressurreição quis ser o modelo da nossa conversão e da nossa santificação, antes de ser o penhor divino da nossa própria ressurreição.

Como Jesus Cristo, na sua ressurreição, passou de uma vida penosa e mortal, para uma outra, sublime e imortal, assim também nós mesmos temos de nos tornar criaturas novas, verdadeiramente ressuscitadas com Jesus.

«Para longe o velho fermento, isto é, o pecado — escreve S. Paulo — sede verdadeiros ázimos, isto é, puros e santos, uma vez que nosso Senhor Jesus Cristo, o nosso Cordeiro Pascal, se imolou por nós, para que ressuscitemos com Ele e vivamos da sua vida celeste e divina».

Vejamos, pois: 1.º — em que consiste a ressurreição espiritual; 2.º — as suas qualidades; 3.º — os seus sinais.

**1.º — Em que consiste a ressurreição espiritual?**

1 — Consiste em passar do estado de culpa, de filhos da perdição, para o de filhos de Deus; do estado de morte para o de vida; do estado de tibieza e de imperfeição para o de fervor e de perfeição.

«De sorte que fomos sepultados com ele pelo baptismo na morte, para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida» (Rom. 6:4) — isto é, numa vida digna de Deus, na virtude e na santidade.

2 — Mudar de vida: — eis em que consiste a nossa ressurreição espiritual. «Procurais a Jesus crucificado — disseram os anjos às santas mulheres — ressuscitou, não está aqui».

Se nós também, verdadeiramente ressuscitamos espiritualmente, também de nós se deverá dizer: «Ressuscitou, não está aqui». Aquele tal, que até aqui era truculento, desobediente, preguiçoso, murmurador... já ressuscitou, já é outro,

**2.º — Qualidades da ressurreição espiritual**

Para que a ressurreição espiritual nos conduza à glória, é necessário que se revista de certas qualidades. Ei-las:

1 — Deve ser pronta. — Como a de Jesus «muito de madrugada». A graça de Deus não comporta demoras. Quem nos garante o futuro? «Vigiai... Virei como um ladrão...».

2 — Deve ser verdadeira e sincera. — Trata-se de uma qualidade essencialíssima. Tal como Jesus Cristo. «Ressuscitou verdadeiramente o Senhor».

E tantas provas que Ele deu da sua ressurreição!...

3 — Deve ser ainda: manifesta e pública — para glorificar a Deus e edificar o nosso próximo. Não basta que estejamos convertidos. É necessário que a nossa conversão resplandeça aos olhos de todos.

4 — Finalmente, deve ser: constante e perseverante. Jesus Cristo ressuscitando dos mortos, já sobre Ele não tem poder a morte. Quantos que se convertem, não voltam ao primitivo estado? «O que perseverar até ao fim, esse será salvo».

**3.º — Sinais da verdadeira ressurreição espiritual**

S. Paulo indica três:

1 — Morrer para a vida dos sentidos. — «Ora se já morremos com Cristo, cremos que também com Ele viveremos (Rom. 6:8). «Que quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem...» (Ef. 4:22).

2 — Morrer para as coisas deste mundo. — «Porque já estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus» (Colos. 3:3). Mortos para as criaturas, para os bens, para as riquezas, para os prazeres e divertimentos perigosos.

3 — Procurar e ter gosto pelas coisas celestes. — «Se já ressuscitastes com Cristo buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à dextra de Deus» (Colos. 3:1), isto é, colocai todas as vossas esperanças, todos os vossos tesouros no Céu.

pelo

**DR. J. NUNES BRANCO**

CONSELHEIRO PEDAGÓGICO DO SEMINÁRIO ADVENTISTA

# A INAUGURAÇÃO

## DA NOSSA CAPELA NO PORTO

Segundo o horário marcado no anterior número da *Revista Adventista*, foi solenemente aberta ao culto público a nossa nova sede, na «mui leal e invicta cidade».



*Sexta-feira, 5 de Março*

Às 19 horas estava tudo preparado para a sessão solene. A chuva miudinha, importuna, muito portuense, passou a cair em fortes bátegas. O nosso coração encheu-se de sombras! Como poderiam os nossos Irmãos e Amigos vir, dos bairros afastados e até dos arredores, se a embirante chuva tomava aspecto assustador? Às 19,30 horas, o vestibulo da capela contava uma escassa dúzia de Irmãos a esfregar fatos e vestidos. E as sombras adensavam-se nos corações. Poucos minutos antes das 20 horas o vestibulo estava quase cheio! O Pastor W. R. Beach entrava no vestibulo às 20 horas exactas e tinha a recebê-lo o corpo de Obreiros, o Conselho da Igreja, numerosos Membrros e Amigos. Demos início à cerimónia singela e, quando ela decorria havia meia hora, vozes se erguiam da rua: «Apressem a cerimónia, Irmãos, que nos molhamos todos!» A multidão enchia o vestibulo e o passeio fronteiro. Ainda bem que para os portuenses, naquela hora, não havia chuva capaz de os impedir de comparecer!...

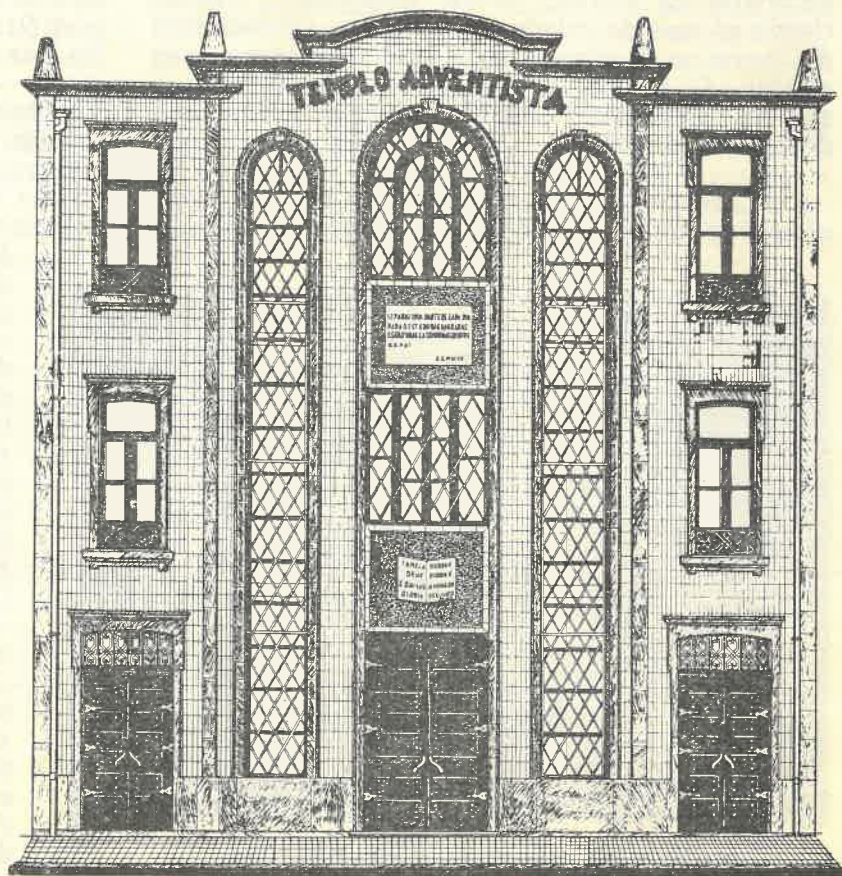
Iniciámos cantando o hino n.º 175.

O Pastor M. Viegas invocou a presença de Deus.

O Pastor A. Raposo leu o Salmo 96.

Mais uma vez, as vozes dos assistentes vibraram em uníssonno no cântico do hino n.º 278: «Benditos laços são os do fraterno amor!». Naquela hora sentia-se a união fraternal em todos os presentes, a estender-se a todos os ausentes.

O Pastor A. Dias Gomes tomou a palavra para, em nome da União, agradecer à Divisão Sudeuropeia, na pessoa do seu presidente, Pastor W. R. Beach, a construção de mais uma capela simples, ampla e estética na União Portuguesa e depunha nas suas mãos, como representante da verdadeira proprietá-



Sede Adventista Portuense — Rua de Ferreira Cardoso, 105

ria, as chaves daquele edificio cujo aspecto externo já era uma pregação muda da Mensagem aos transeuntes.

O Pastor M. Viegas agradecia também à Divisão e à Conferência Geral a honra concedida à Congregação Adventista Portuense de ver edificar mais um porto de abrigo espiritual na cidade do Porto.

Estava bem patente, no espírito de todos os presentes, o sentimento de gratidão à Organização Adventista, sem a qual não seria possível construir a nova capela. De novo, toda a assistência se unia no cântico das estrofes do hino n.º 285: «Amor nos faz contentes!», enquanto uma jovem da Congregação Portuense arrancava o dístico de cartão, onde se liam as palavras: «Sejam bem-vindos, Irmãos e Amigos — Wellcome, Elder Beach!». Apareceu, então, a placa de mármore com os seguintes dizeres:

À CONFERÊNCIA GERAL

E

À DIVISÃO SUDEUROPEIA

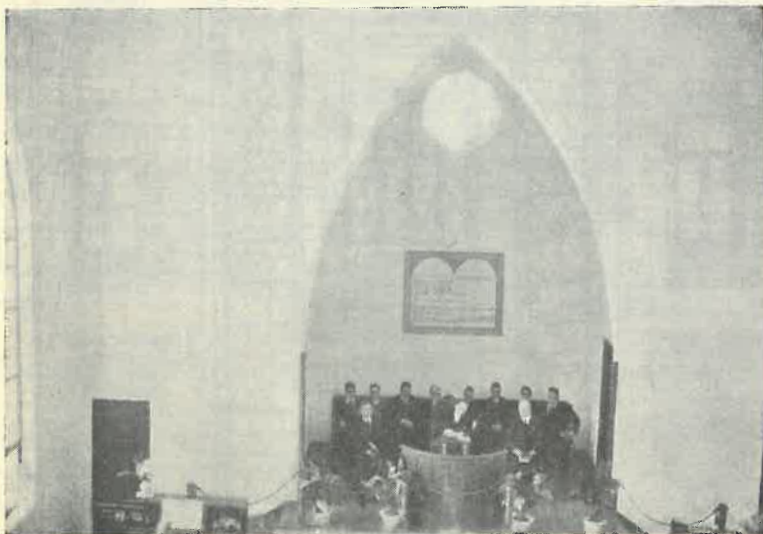
*agradecem*

OS ADVENTISTAS PORTUGUESES

Foram evidentes os sinais de emoção no rosto do Irmão Beach.

Mas, embora houvesse sincera gratidão às estâncias denominacionais e à Organização, não podiam os Adventistas do Porto esquecer a boa vontade que o Pastor A. V. Olson, ao tempo presidente da nossa Divisão, e o Pastor W. R. Beach, então secretário da mesma, tinham manifestado, calcurriando as ruas da cidade, durante dias consecutivos de chuva, no desejo de dar à Igreja Portuense o seu edifício. O Pastor A. D. Gomes, interpretando o sentir e as indicações oficiais da Igreja, em francês, declarou, em resumo:

«Costumam as municipalidades nomear como cidadãos honorários das suas cidades, homens e



A tribuna no cultó de Sábado, 6 de Março

mulheres que, não tendo nascido nas mesmas, mostraram o seu amor à comunidade por meio de obras de importância social. Se a dádiva e construção de uma escola, de um fontenário, de uma ponte, etc., são obras de importância social, acreditamos que em nada será menos importante a construção de um porto de refúgio espiritual, de uma Igreja Cristã, onde os presentes e vindouros ouçam o Evangelho Eterno e encontrem a «porta do céu». Se fôssemos Câmara Municipal, certamente nomearíamos os Pastores A. V. Olson e W. R. Beach *beneméritos* e *cidadãos honorários* da «leal e invicta cidade do Porto». (Muitas vozes: *Apoiado*). Mas, mesmo assim, na nossa humilde pequenez, julgamos nosso dever expressar a estes dois Irmãos, a nossa particular gratidão. O Irmão Secretário da Congregação Adventista do Porto vai ler a acta da Reunião Especial havida há dias em que, por aclamação unânime, a dita Congregação nomeia os Pastores A. V. Olson e W. R. Beach «membros beneméritos». (Muitas vozes: *Amém, apoiado*).

Seguiu-se a leitura da Acta e a entrega da mesma, em pergaminho, dentro de duas pastas, uma para o Irmão Beach e outra para o Irmão Olson.

O Pastor Beach levantou-se, então, para falar muito em poucas palavras. Agradecia a Deus a possibilidade concedida a todos de poderem passar momentos tão emocionantes nos quais se inaugurava

uma nova época na evangelização Adventista do Porto. Sentia-se muito feliz por ver um prédio moderno onde, no frontispício, havia o duplo apelo aos habitantes do Porto, através do texto de Apocalipse 4:7 «*Temei a Deus e dai-Lhe glória porque vinda é a hora do Seu julzo*» e do Espírito de Profecia: «*Separai uma parte de cada dia para o estudo das Sagradas Escrituras e a comunhão com Deus*» (O. E., pág. 97 — E. G. White). Agradecia aos Engenheiros Rebelo & Dias — presentes à sessão — o esforço empenhado na execução do plano. Agradecia à Igreja Portuense o belo espírito de paz e união que evidenciavam naquela hora. Entregava o novo edifício à posse da União Portuguesa e à guarda da Congregação Portuense, na certeza que saberiam conservá-lo no melhor estado de poder servir para a glória de Deus e proclamação da Sua Mensagem. (Damos apenas o resumo da sua magistral alocução).

Em seguida encaminhou-se para a porta de entrada da sala de culto. Mais um momento de recolhimento da assistência: o Pastor Gomes pedia, em prece, que Deus entrasse naquela Casa, que os anjos acompanhassem os passos dos assistentes. Ao ouvir-se o último amém da assistência, o Pastor Beach cortou a fita com as cores nacionais que impedia a entrada, dizendo: «Para a maior glória de Deus».

A entrada não se efectuou tumultuosamente:

Em primeiro lugar, entraram os três membros mais antigos da Congregação, presentes naquele momento: Alberto Vieira da Rocha (baptizado em 1919) e Joaquim Pires da Silva e sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa (baptizados em 1921). Assim se consagravam três vidas de fidelidade à Igreja e de muito trabalho pela Causa.

Em segundo lugar entraram as Delegações das outras Congregações Adventistas:

PORTALEGRE: Dr. Nunes Branco (ancião)  
Maria Elisa Branco  
João de Brito (diácono)

LISBOA: Eduardo Sousa (diácono)  
Mercedes Dias Gomes  
Edite Valente  
Alice Valente  
Etelvina Nobre  
Júlio Moreira  
Maria Oliveira  
Samuel Dias Gomes  
Gabriela Dias Gomes

TOMAR: Samuel Reis (ancião)  
Fernanda Reis

SETÚBAL: José Júlio Pires (ancião)  
Maria Augusta Pires  
Idalina Martinez  
Maria Ferreira  
Natália Campos

COIMBRA: João Mendonça  
Idalina Ferreira

Em terceiro lugar, entraram todos os Membros da Congregação do Porto, seus convidados e público em geral.

E já o quarteto fazia ecoar a sala com os acordes de uma música sacra, quando o Pastor Beach, seguido de todos os Obreiros, se encaminhou para a tribuna.

Às 21 horas — Não havia um só lugar vago; muitas pessoas procuravam lugar nas cochias da sala. Na galeria, além do *Coro Adventista Português* com umas quatro dezenas de componentes adventistas, iam ocupando lugar as pessoas que não cabiam na sala.

Na tribuna, ocupava a presidência o Pastor Beach, ladeado pelos Irmãos Dias Gomes e M. Viegas. Na bancada da rectaguarda os Obreiros: S. Reis, J. Pires, J. Grave, J. Esteves, M. Lourinho, Dr. Nunes Branco e A. Raposo.

Após o hino, cantado de pé pela assistência, onde se notavam muitos evangélicos que tiveram a gentileza de nos acompanhar naquele momento festivo, unimo-nos à prece do Pastor Viegas.

Dadas as boas-vindas a todos, fez-se ouvir o Coro Adventista, no expressivo hino n.º 56. Reboaram as paredes e abóbadas da casa ao brado musical: «Jesus virá! Jesus virá! Jesus em breve virá!». Muitas cabeças se voltaram para trás com o fim de ver aqueles crentes que sabiam vibrar tão bem as cordas da sua voz.

O quarteto de mestres fez-se, em seguida, ouvir, numa música sacra que a todos encheu de harmonia.

O Pastor Dias Gomes levantou-se para falar e, em resumo, disse:

«Que agradecia em nome da União Portuguesa dos Adventistas a presença dos Irmãos Adventistas e, de forma especial, às pessoas que honravam aquela casa com a sua amável visita.

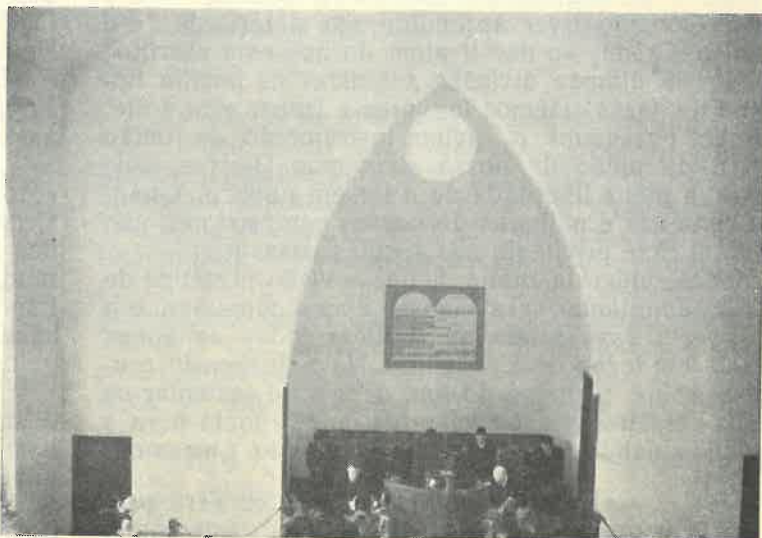
Uma igreja cristã, quando no espírito do Mestre, é um lugar de meditação e paz para os incrédulos que, muitas vezes, são almas de eleição, a braços com graves problemas espirituais. Sejam, pois, bem-vindas todas as almas incrédulas mas preocupadas que estavam presentes!

Sejam bem-vindos, também, os cristãos católicos romanos que desejaram estar connosco. A Igreja Adventista acredita naquela frase de E. G. White, no seu livro *Grande Controvérsia*: «Na Igreja Católica, há milhões de almas sinceras!» Adventistas e católicos romanos podem estar juntos, conversar amigavelmente, porque são mais as doutrinas em que estão de acordo do que aquelas em que discordam. Uns e outros acreditam: em Deus — Pai, Filho e Espírito Santo — nas Sagradas Escrituras do Velho e Novo Testamento como divinamente inspiradas e regra de Fé, nos Anjos, no poder da oração, no valor das obras como prova de Fé e, em resumo, em Cristo Jesus, com natureza humana e natureza divina, uma só personalidade, nosso único Mestre e Salvador. Onde existam tão fortes laços cristãos, só pode reinar o bom entendimento e cordial simpatia.

E sejam também bem-vindos os nossos Irmãos Evangélicos aqui presentes! Não temos palavras suficientes para lhes expressar todos os nossos sentimentos de cordialidade cristã. Relembramos, apenas, que eles são os membros de outros núcleos cristãos onde a Palavra de Deus ocupa, acima das tradições humanas, o lugar de proeminência e autoridade que Deus tem acima do homem. Algumas dessas Igrejas Evangélicas são mais antigas na cidade do Porto, estabeleceram-se em épocas bem difíceis e, se elas não tivessem iniciado essa grandiosa obra de recristianização portuguesa, não estaríamos nós hoje aqui

reunidos. Como todos nós nos sentimos agradecidos esta noite pelo honrado e penoso trabalho executado em todas as Congregações Evangélicas do Porto, nos últimos cinquenta anos.

É uma realidade triste a divisão da República Cristã em numerosos partidos! Salva esta situação a certeza de que todos procuram, na medida do possível e consoante a luz recebida, o caminho mais curto da vida eterna. Seja-me, pois, permitido relembrar o apelo do nosso Salvador, na hora solene em que os Seus olhos, cobertos pela tristeza da morte próxima, se fixavam no trono de Deus: «Que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em mim e eu em Ti; que também eles sejam um em Nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste... que eles sejam perfeitos em unidade e para que o mundo



No acto da oração de dedicação, Sábado 6 de Março

conheça que Tu me enviaste a mim...» (S. João 17:21-24).

O desejo do nosso Salvador não era a divisão, a querela, a controvérsia, com a consequente debilidade evangelizadora do mundo. A união é a obra de Deus. A desunião das famílias, da nação, da Igreja e da humanidade é obra daquele Satanás que não se contentou em desunir a Terra do Céu, em lançar a discórdia mortífera na família de Adão, em levar os corações orgulhosos dos homens à confusão das línguas na Torre de Babel; sim, é obra de Satanás essa desunião entre os governantes do mundo, pois lemos: «São espíritos de demónios que fazem prodígios, os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-poderoso» (Apoc. 16:14).

O desejo de Jesus, da segunda pessoa da S. S. Trindade, não pode ser idêntico aos desejos dos simples mortais como nós, quase sempre impraticáveis por falta de instrumentos indispensáveis. Nós desejamos e nada temos, porque desejamos mal e para o consumir nas nossas cobiças pecaminosas. O desejo de Jesus era divino e seria o bem da humanidade actual se a Sua Igreja tivesse manifestado melhor vontade de o praticar. Creio, pois, que não falta, hoje mesmo, a todos nós aqui reunidos, o instrumento indispensável da união e que tal união está em vias de facto e será já consumada quando Cristo regressar.

Com efeito, temos aqui esta noite o instrumento necessário à união. Todos nós, cristãos, quer sejamos

Católicos, Evangélicos ou Adventistas, acreditamos que a Bíblia é o único livro divino. Todos nós somos levados a acreditar que «se alguém ensina alguma outra doutrina e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo e nada sabe mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruínas suspeitas, contendas de homens corruptos de entendimento e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho...» (S. Paulo, I a Tim. 6:3-6). Sim, à medida que afervorarmos o nosso respeito e amor pelas Sãs Palavras de Jesus — e não sei onde possamos encontrá-las mais sãs, fora da Bíblia — estaremos aproximando o mundo cristão da Unidade. O que nos separa é a tirania satânica do respeito às tradições humanas, contrárias à letra e ao espírito das Escrituras. Quando todo o mundo cristão tiver aprendido, em matéria de Fé e Prática Cristã, «a não ir além do que está escrito», cairão as últimas divisões satânicas na família humana de Jesus. Dêmos louvores a Deus, esta noite, porque possuímos o divino instrumento da união cristã, da união da nossa alma com Deus e, mais ainda, a plena liberdade de o ler em público. Quantas centenas e milhares de nossos compatriotas não tiveram esse privilégio nos séculos passados!

Mas, além da Bíblia, temos a visão profética de Jesus, apontando para a nossa época como sendo a que veria essa tarefa de unificar todas as almas cristãs em torno do Evangelho. No Seu sermão profético sobre o tempo do fim, depois de assinalar os sinais catastróficos tão vulgares hoje, aponta para o risonho sinal da evangelização do mundo. Ouçamos:

«E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes e, então, virá o fim» (S. Mateus 24:14).

«Este Evangelho do Reino»!

Antes que Jesus venha, em poder e glória, terminar o plano da salvação, vencendo Satanás, a Morte e a Sepultura, um grande movimento mundial — «a todas as gentes» — realizaria o trabalho de congregar as atenções «neste evangelho».

Na Bíblia encontramos estruturalmente uma só religião, uma só doutrina, um só caminho eterno, desde o Éden à Nova Jerusalém.



Reunião Missionária, Sábado 6 de Março

Esta promessa de Jesus foi, anos mais tarde, reafirmada nas visões do Apocalipse. S. João viu o tempo da «ceifa e da vindima» — Capítulo 14:14-20. Todos nós, cristãos, sabemos que «a ceifa é o fim do mundo» (N. S. Jesus, S. Mateus 13:39). Pois bem, antes que Jesus venha do céu, no fim, a julgar vivos e mortos, dá-se no mundo a obra de evangelização predita nas visões apocalípticas e nos seguintes termos: «E vi outro anjo voar pelo meio do Céu e tinha o evangelho eterno para o proclamar aos que habitam sobre a Terra e a toda a nação e tribo e língua e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo» (Apocalipse 14:6-8).

A mesma obra evangelizadora anunciada por Jesus! «Este evangelho do reino» tem como sinónimo «o evangelho eterno»! O Evangelho de sempre, dos tempos de Adão, dos Patriarcas, de Israel, dos Profetas, do nosso Divino Salvador, dos Apóstolos, de Deus e dos Anjos! Não se trata do Evangelho segundo é visto por este ou aquele agrupamento cristão. Fora com as doutrinas ou tradições que não estejam assentes nas claras afirmações do Evangelho Eterno!

Pois é esta a finalidade e a razão de ser do «Movimento Adventista». Fizemos a experiência do Cristianismo de harmonia com as palavras claras das Escrituras e desejamos levar ao mundo o resultado dessas experiências. Temos a certeza que o Espírito de Deus vai operar em todas as almas sinceras o desejo de só reter no espírito o puro Evangelho de Jesus, «o Evangelho eterno».

De resto, foi dito pelo Salvador que o resultado desta obra evangelizadora do Movimento Adventista seria a organização num só povo de todos quantos se quisessem salvar. No evangelho segundo S. Mateus, Cap. 25:31-46, vemos a visão de Jesus, quando «vier em Sua glória». Nesse dia, estará terminada a obra de evangelização Adventista — do Reino — em todo o mundo. Dois grupos apenas haverá na humanidade. O grupo dos benditos do Pai, dos crentes salvos pela Fé de Jesus, dos que serão colocados à direita do trono de glória. Não mais pequenas ou grandes igrejas, bem separadas, bem divididas, excomungando-se umas às outras! Um único povo — o dos benditos do Pai. Naquele dia terão finalmente cumprimento as palavras de Jesus: «Haverá um rebanho e um Pastor» (S. João 10:16)

Unâmo-nos todos nesta base sólida: «O Evangelho Eterno».

Formemos um povo cristão único aceitando para doutrina só aquela que esteja aliçada na Bíblia.

Não hajamos ilusões! Há só um Salvador e há só um livro divinamente inspirado e útil para realizar a perfeição do homem — a Bíblia.

Se não estivermos aliados ao povo dos benditos de Deus, estaremos do lado esquerdo e pertenceremos aos malditos.

Que Deus seja com todos nós».

Ouvido o coro, cantado em uníssono o último hino e feita a última prece, começou a saída da assistência. A Rua de Ferreira Cardoso estava de festa. Nunca vira tanta animação. As janelas dos palacetes vizinhos estavam adornadas de pessoas. Parecia que a vizinhança desejava associar-se à inauguração. O nosso edifício estava flamejante de luz fluorescente.

Deus abençoara o esforço feito. A chuva impertinente continuava a cair. Mas não fora suficiente para apagar a fé dos Irmãos e Amigos. Roncaram os motores dos automóveis e das camionetas que tinham trazido os nossos Irmãos de Avintes e Canelas. Levou quase uma hora a saída. Havia muita gente a cumprimentar-se!



## Sábado, 6 de Março

Às 9 horas estava tudo a postos. A sala da Juventude abriu a porta aos Monitores da Escola do Sábado. Dirigiu esta lição o Pastor M. Lourinho. Entretanto, a sala de culto ia-se enchendo. Quando às 10 horas o Pastor Viegas deu início à Escola Sabatina, estavam os assentos da Igreja ocupados com os membros do Porto, de Avintes, de Canelas, delegados das diversas Igrejas, convidados e amigos.

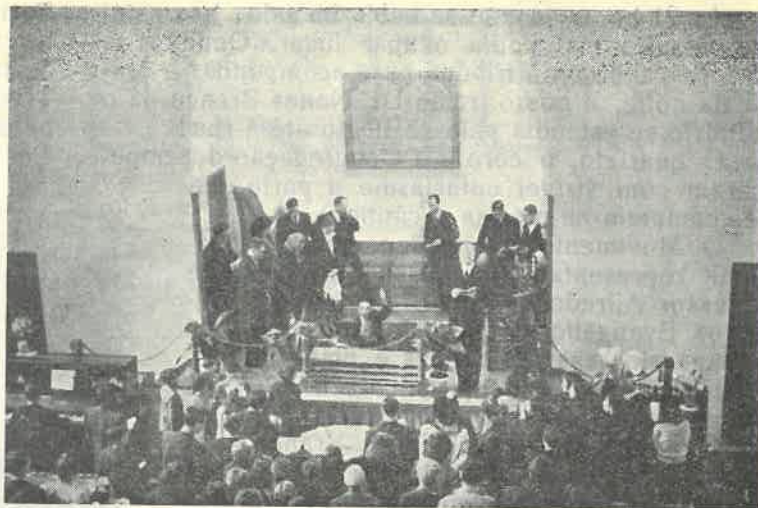
Às 11 horas, quando os Obreiros acompanharam o Pastor Beach à tribuna, já não havia lugar nenhum vago em toda a casa e galeria. Aos acordes solenes do «Largo de Hændel», tocado por um membro de Lisboa, ajoelharam os Obreiros e levantou-se aquela respeitosa assistência. Ouviram-se os anúncios para aquele sábado memorável e cheio de trabalhos espirituais. Em seguida foi belo ouvir cantar, com harmonia, o hino n.º 186: «A Deus dêmos glória, com grande fervor». Ninguém desejou ficar mudo naquele momento histórico! O Pastor Lourinho invoca a presença de Deus em prece. De novo ecoam as vozes no hino n.º 314. Todos desejavam esquecer qualquer pensamento de tristeza: «Se infeliz nos corre a vida terreal, temos de deixá-la um dia...». Entretanto, os Irmãos Diáconos procuravam fazer a colecta habitual. Era a primeira vez em que na Congregação do Porto ela se não podia fazer enquanto se cantavam as quatro estrofes do hino! Era preciso repetir mais uma estrofe. O Irmão João Esteves pediu que Deus abençoasse a colecta e os doadores.

O Pastor Beach levantou-se e pronunciou o seu sermão cheio de unção, de entusiasmo evangelizador, de fraternidade cristã. Procurar resumir-lo equivale a tirar-lhe todo o sabor. Não havia distraídos nem adormecidos no auditório. Todos, até as visitas, acompanhavam, com inteligência, a série de pensamentos retirados da Palavra. Quando terminou, um afectuoso amém reboou na sala.

A oração de consagração da casa a Deus foi feita pelo Pastor Gomes. Viram-se olhos razos de lágrimas quando nos levantámos da prece.

Enquanto nos levantávamos para entoar o hino n.º 333 — «Perto, sim, do lar! Eis os esplendores a nos acenar!» — pois todos se tinham sentido bem perto do lar celestial — os Irmãos Diáconos voltaram a recolher a «Oferta para o Fundo de Construções». Soubemos depois que foi muito boa.

Após a prece do Irmão J. Grave e enquanto o auditório saía, algumas pessoas estranhas à Igreja nos vieram dizer que estavam de coração conosco e tinham nessa manhã sentido que Deus as chamava a unir-se à nossa Igreja.



Celebração de baptismos, Sábado 6 de Março

Às 15 horas iniciou-se a Reunião Missionária. Na tribuna todos os Obreiros. O Pastor Gomes tomou a palavra para dizer que o fim único do Movimento Adventista é a obra de evangelização. Todos os demais serviços só valem se auxiliarem e fomentarem a evangelização. Não são as casas que subirão aos céus, quando Cristo vier, mas as almas que nessas casas aprenderam o caminho do céu. Também não devemos perder de ideia o que devemos compreender por «salvar uma alma». O melhor é deixar que Jesus mesmo nos diga o que deveremos, como Obreiros e Membros, compreender: «S. Marcos 16:15-16». Três são os degraus que Jesus indicou na salvação das almas:

- 1.º — A pregação do Evangelho.
- 2.º — A aceitação do Evangelho pela pessoa.
- 3.º — Ser baptizada e congregada à Igreja.

Ninguém se pode salvar sem ter subido esses três degraus. Precisamos, pois, juntar multidões a ouvir a pregação. Não esqueçamos, porém, de levar o maior número a dar adesão ao Evangelho. Finalmente, se os não baptizarmos não se podem salvar, a não ser em casos excepcionais...

Tomaram a seguir a palavra os Irmãos Lourinho, Esteves e Grave que apresentaram os cumprimentos dos membros das Missões Açoriana, Cabo-verdiana e de S. Tomé e fizeram interessantes relatórios das actividades evangelizadoras e dos baptismos em perspectiva nos seus campos.

O terceiro acto desta reunião, o mais importante, esteve a cargo do Pastor Viegas que apresentou três candidatos ao baptismo, recebeu deles a sua pública profissão de fé e os mergulhou nas águas do baptistério, enquanto a assistência ia entoando as estrofes do hino dos baptismos.

As 17 horas iniciámos a reunião social da Juventude Portuense, muito bem ensaiada, que a todos encantou com as suas poesias, diálogos, músicas e coros, todos do mais elevado cunho religioso, adventista e espiritual. Uma distinta artista portuense tocou alguns trechos na sua harpa.

Às 21 horas já não se cabia na sala; nas galerias, o coro mal podia ocupar lugar. Quando os Obreiros subiram à tribuna para acompanhar o orador da noite, o nosso Irmão Dr. Nunes Branco, já o auditório se estendia pelo vestibulo até à rua!

O quarteto, o coro e a Congregação desempenharam com visível entusiasmo a parte que lhes competia na música e cânticos.

O Movimento Evangélico estava dignamente representado na pessoa do Pastor e Professor Alfredo da Silva, decano dos Ministros Evangélicos, que veio apresentar-nos as suas sinceras felicitações e, embora insistissemos para que ocupasse o seu lugar na tribuna, tomou assento no auditório.

O nosso Irmão Dr. Nunes Branco procurou responder às atenções do grande e selecto auditório numa exposição magistral dos antecedentes históricos da Reforma do Século XVI e fechou a sua lição erguendo, perante todos, as Sagradas Escrituras como o livro divino, base da Fé Cristã.

Estava terminado um grande Sábado para os Adventistas do Porto e todos os Irmãos vindos de longe.



## Domingo, 7 de Março

Às 9 horas reuniram-se os Obreiros no culto da manhã e em conselho para deliberar sobre a obra de evangelização, de forma geral, e a evangelização no Porto, em particular. Após três horas de conselho, foram tomadas algumas úteis resoluções que devemos pôr em prática.

Às 15 horas entravam em Canelas os Obreiros. Na pequena sala de culto tivemos um *simpósium* missionário. Falaram todos os Obreiros sobre a obra das suas Igrejas. O Pastor Beach procurou estimular Obreiros e Irmãos ao zelo na vida cristã adventista. Os nossos Irmãos e Amigos de Canelas foram muito amáveis com todos.

Às 17 horas tivemos a reunião na sala de Avintes. A mocidade estava bem representada.

Às 21 horas, com o edificio fulgurante de luz e uma assistência igual à da noite anterior, demos início ao culto. Os componentes do Coro Adventista

Portuense estavam no seu posto, sempre incansáveis no cumprimento do seu dever. Com o máximo agrado de todos, executaram alguns hinos do seu reportório. Tivemos, talvez pela primeira vez, a visão de quanta beleza existe nos hinos do Hinário Adventista. O Coro do Porto levou a capricho não executar nada



O Pastor Beach pregando no culto de Sábado

mais além de hinos nossos! E que harmonia e beleza na execução!

O Pastor W. R. Beach levantou-se para falar, no meio do máximo silêncio, e atralou a mais perfeita atenção dos seus ouvintes durante todo o tempo da sua exposição sobre *A Acção Missionária Mundial dos Adventistas*. Ao terminar, todos estavam convencidos da grandeza de ideais doutrinários dos Adventistas e da importância do seu já mundial esforço de cristianização. Quando se pediu que levantassem o seu braço todos quantos tinham apreciado a exposição feita, uma floresta de braços apareceu erguida.

O quarteto, sempre a postos e à altura da solemnidade destas reuniões, recebeu palavras de apreço da parte do Pastor Gomes e fez-se ouvir na sua última música sacra.

O coro desejou ainda cantar dois hinos. Ninguém na assistência arredou pé. Todos ouviram com gostosa atenção até à última nota.

O hino n.º 280 — «Que Deus vos guarde em Sua luz» — e a prece final concluíram a inolvidável consagração do Templo Adventista, na Rua de Ferreira Cardoso, 103.

## Como os Adventistas devem considerar os Católicos

«Entre os católicos há muitos que são os mais conscienciosos Cristãos que marcham em toda a luz que brilha sobre eles e Deus operará em seu favor. Quem tem grandes privilégios e oportunidades e deixa de se desenvolver física, mental e moralmente, vivendo, pelo contrário, para satisfação própria e recusando assumir as suas responsabilidades, está em maior perigo e maior condenação perante Deus, do que as pessoas em erro doutrinário mas à procura de viver para fazer bem aos outros. Não os censuramos nem os condenamos.»

E. G. WHITE, C. W. and E., pág. 63.



# NÓS E A BROTERIA

31 de Março de 1948.

Ex.<sup>mo</sup> Sr. DOMINGOS MAURÍCIO

Director da «BROTÉRIA»

Caixa Postal, 364

LISBOA

Senhor Director

Lemos o artigo «Adventismo Avariado» do vosso colaborador A. Veloso, na «Brotéria» de Fevereiro p. p.

Necessitamos de receber uma explicação sobre as seguintes duas afirmações que são mentirosas, como o Sr. Director não deve ignorar.

1.<sup>a</sup> — Pág. 189:

«(...) sacerdotes católicos (...) se amasiaram como puderam e assim se fizeram... adventistas.»

Quem são esses sacerdotes católicos actualmente na Igreja Adventista que «se amasiaram» e «assim» se fizeram adventistas?

2.<sup>a</sup> — Pág. 190:

a) Quem são, em Portugal, os comunistas militantes que se tenham feito adventistas e, de entre eles, quais são os que estão «minando impunemente a alma da nação católica», «atentam contra a unidade nacional», «enfraquecem as forças e os motivos de resistência», «preparam e fornecem armas aos adversários irreductíveis da civilização cristã?»

b) Quem são e qual a Igreja Adventista, nos outros países, onde se encontram comunistas exercendo as mesmas actividades?

Antes de proseguirmos pelo caminho da legalidade e na esperança que, em Portugal, a Justiça não seja simples palavra, achamos cristão e cavalheiro pedir-lhe que nos dê uma explicação, até ao dia 7 de Abril p. f.

Pelo Conselho da União Portuguesa dos Adventistas

A. DIAS GOMES

## A NOSSA RESPOSTA

ao artigo **Adventismo Avariado** de  
A. Veloso, na «Brotéria», de Fevereiro de 1948

Pode parecer mentira, mas a verdade é que, pessoalmente, nunca escrevemos artigos de ataque contra nenhum agrupamento cristão. A todos respeitamos porque sabemos haver neles almas nobilísimas que procuram o caminho da Verdade. Na nossa vida oficial, como ministros do Evangelho, temo-nos limitado a propagar o credo cristão que nos ofereceu mais probabilidade de veracidade. De vez em quando, somos obrigados a responder às pedradas desastradas dos nossos zangados críticos, só para não pare-

cer que «quem cala consente» nos erros, mentiras e até calúnias lançadas contra nós e contra o nosso credo.

Se estivéssemos no lugar dos nossos oponentes adoptaríamos uma tática diferente. Nunca sairíamos do campo doutrinário cristão nem do exame atento aos textos bíblicos onde pretendesse alojar-se a doutrina por nós considerada errónea. Mas, enfim, cada um lá sabe as razões por que não adopta este critério tão simples, honesto e cristão. Sabem eles e

pode sabê-lo toda a gente. É processo longo, laborioso, pede maçadas e o melhor é dormir ao abrigo da Polícia despertada ao terrível grito: «Agarra que é comunista».

E passamos a examinar o dito artigo:

### I — Resposta aos dizeres da pág. 177 à pág. 180

Sim, também nós lastimamos que a Igreja Cristã não tenha podido cumprir o desejo máximo de nosso Senhor: «Que todos sejam um (...) perfeitos em unidade e para que o mundo conheça que Tu me enviaste a Mim (...)» (S. João 17:22-24). O trabalho urgente de todos os cristãos sinceros é dar cumprimento a este desejo de unidade expresso por Jesus e reforçado por S. Paulo: «Até que todos cheguemos à unidade da fé» (Aos Efésios 4:13).

Mas o processo usado, até hoje, pelos agrupamentos cristãos mais fortes, como a Igreja de Roma, têm sido maus, a própria negação dos princípios cristãos. Recorrem à violência, à perseguição e só estão bem quando a polícia lhes presta auxílio. Têm seguido os processos dos pagãos romanos contra os cristãos martirizados no Circo. Queiram ler o artigo da Brotéria: no fim, lá vem o apelo à polícia, a crítica contra a liberdade de religião. Ah! se pudéssemos acender as fogueiras do Santo Ofício! Que pena a Constituição garantir a liberdade religiosa aos portugueses. De facto, nesse ponto, há esquecimento das tradições históricas. Se pudéssemos voltar ao tempo do «crê ou morres assado»...

Tais processos só deram como resultado o derramamento de sangue inocente, a tortura dos presos, o ódio das famílias e amigos dos torturados, a guerra civil e a profunda cisão das igrejas cristãs.

Felizmente parece-nos que poderemos adoptar outro processo muito mais simples, suave e eficaz. Consiste em exaltar as Sagradas Escrituras, fazer delas o que na realidade devem ser para o cristão — o livro máximo de devoção, o «tira-teimas» de toda e qualquer controvérsia. Quando todos os cristãos se capacitarem de que a Bíblia não é livro «protestante» mas, sim, a Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo, então doutrina verdadeira será a que estiver na letra e espírito da mesma.

Até se nos afigura que tal propaganda está de harmonia com a Encíclica de Bento XV — «Spiritus Paraclitus» — e com as autoridades eclesiásticas romanas que deram o «imprimatur» ao livro de M.<sup>me</sup> Chasle, «Toma e Lê».

Temos, porém, a certeza de que estamos a indicar o único caminho proveitoso para a unidade do mundo cristão, porque assim o disse o nosso Salvador.

Escutemos:

«Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assimilhá-lo-ei ao homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha...» (S. Mateus 7:24).

«Este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo em testemunho a todas as gentes e, então, virá o fim» (S. Mateus 24:14).

«Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também Me convém agregar estas e elas ouvirão a Minha voz e haverá um rebanho e um Pastor» (S. João 10:16).

«E quando o Filho do Homem vier em Sua glória (...) porá as ovelhas à sua direita» (S. Mateus 25:31 e segs.).

Jesus prediz a existência de um rebanho e um Pastor quando a Sua voz for ouvida. Prediz um grande movimento de evangelização mundial antes da Sua vinda em glória. O resultado dessa exaltação mundial do Evangelho é o desaparecimento das divisões cristãs e, tanto assim que, no momento da Sua vinda gloriosa, um só grupo de crentes, «os benditos de Meu Pai», será colocado à direita do Salvador.

Por isso, quão útil é a pública leitura das Sagradas Escrituras nos actos de culto público e privado! Os crentes romanistas fariam uma grande obra pedindo e exigindo dos seus párocos o cumprimento da encíclica «Spiritus Paraclitus» e o estabelecimento dentro das suas igrejas paroquiais do ensino público da Bíblia. Em vez de mandar queimar «as

falsas Bíblias» era melhor passar a distribuí-las aos seus paroquianos. Menos cultos em latim, que muito poucos percebem, e mais conhecimentos do Evangelho.

Os protestantes, estejam embora tão radicalmente errados como pretende o articulista Veloso, lá vão lendo em público as Sagradas Escrituras. Pouco a pouco, as linhas do pensamento cristão centralizar-se-ão no verdadeiro cristianismo escriturístico. Com plena liberdade para todos, sem chamarem «nomes» uns aos outros, com o máximo respeito e afecto cristãos, tudo terminará na unidade do Povo de Deus.

De todos os factores na divisão actual da Igreja Cristã, os mais importantes são: 1.º — a ignorância das Sagradas Escrituras; 2.º — colocar os livros e dizeres dos homens e mulheres ilustres acima das afirmações divinamente inspiradas da Bíblia.

Nuns cristãos perdolina o primeiro factor; noutros o segundo. Mas as profecias de Jesus cumpriram-se. Os sinceros estabelecerão a sua fé na Palavra de Deus.



Porto, Avenida dos Aliados



II — Pág. 180 — Comentemos as expressões:

«A Igreja não pode variar porque não pode ensinar senão a doutrina que de Cristo recebeu. Ao passo que a heresia, por ter nascido de um desvio da doutrina inicial, ou seja, por uma inovação de origem humana, é natural que, pelo mesmo motivo, se vá renovando sempre».

Parece-nos poder concluir, nesta ordem de ideias, que só é Igreja Cristã a que ensina o que de Cristo recebeu e que é herética toda a igreja que ensine doutrina diferente da recebida de Jesus.

Concordamos. É esta a razão pela qual não temos podido até hoje pedir ingresso na Igreja de Roma. Não são os erros dos homens, sempre os mesmos, da mesma massa por toda a parte. São, pelo contrário, as doutrinas inventadas, introduzidas pela primeira vez em época determinada, por voto de concílio, contrárias à letra e ao espírito do Evangelho.

Voltamos sempre à mesma base. Cristo divino não pode ensinar contradições. Não pode ensinar contra o que ensinou quando esteve no mundo. O que mais exacto possuímos do Seu ensino está nos quatro evangelhos. Todo o ensino contrário à letra e ao espírito dos mesmos tem de ser herético. Roma, além das doutrinas que não encontram base no Evangelho e que por isso poderíamos deixar passar, apresenta outras contrárias à letra do mesmo. São muito respeitáveis os seus ministros, as suas freiras muito simpáticas religiosamente falando, os seus adeptos contam-se por milhões de almas boas, mas o seu corpo de doutrinas não está, em todos os pontos, alicerçado nas Sagradas Escrituras; logo é herético.

Sem querer indicar tabelas e quadros cronológicos onde se pode ver a data em que foi introduzida esta ou aquela doutrina na Igreja, recomendamos a leitura de uma história do Cristianismo.

III—Considerações aos dizeres das págs. 181-183

Só temos a dizer que concordamos com a exposição feita. Sempre o dissemos publicamente: um bom católico tem de ser um crente na Segunda Vinda Gloriosa de Jesus. Católico que nela não creia não está de acordo com o seu Credo Apostólico, com o Símbolo de Niceia, com os cardiais da sua Igreja, entre os quais podemos citar o Cardinal Billot.

A. Veloso dá-nos consolação ao dizer:

«Existe um adventismo saudável, fundamentado na Revelação e, portanto, perfeitamente ortodoxo. Mais ainda. É nesta forma escorreitíssima e eminentemente católica que reside a grande esperança cristã de que nos falam, inspiradamente, as Escrituras».

«É da esperança na vinda gloriosa de Cristo que vive e se alimenta, ou deve alimentar, a piedade cristã».

«Lembraremos, por exemplo, o padre Maschler que dela vivia e expirou a repetir estas palavras do último capítulo do Apocalipse: Vinde Senhor Jesus! Com iguais sentimentos e a dizer as mesmas palavras, expirou, também, o padre Ledochowski que foi o último geral da Companhia de Jesus!»



Avenida dos Aliados, Porto

Que bem adventista não é aquela citação do Catecismo do Concílio de Trento: «... Muito mais agora que o Filho de Deus morreu por nós e subiu ao céu, devem os nossos desejos dirigir-se, com supremo anseio, para esse outro dia do Senhor, no qual esperamos a realização da bem-aventurada Esperança e o Advento glorioso do grande Deus».

Este é o Adventismo ensinado nas Congregações da União Portuguesa dos Adventistas bem como, aliás, em todo o mundo. De uma forma genérica, todos os ministros adventistas ensinam, justamente, esta espécie de adventismo. Pode o articulista certificar-se entrando em qualquer igreja adventista e pedindo, na certeza de ser imediatamente atendido, ao respectivo pastor que faça uma exposição pública da doutrina sobre o Advento. Verá imediatamente alinhados os textos bíblicos e apontada esta doutrina como a verdadeira esperança do cristão, visto ser só nela e com ela que se cumprirá o plano salvador de Deus.

E não havemos nós de ter uma esperança arreada na união de todos os cristãos, assente na Palavra de Deus, quando vemos os próprios Gerais Jesuítas a repetir, na hora da morte, a doutrina adventista: Vinde, Senhor Jesus!

Não seria melhor, Sr. Veloso, unir-nos desde já, Jesuítas e Adventistas, na proclamação activa desta gloriosa verdade cristã? Se é este o Adventismo saudável crido pelos Jesuítas, ficaremos nós, adventistas, ainda mais firmes nas nossas convicções, absolutamente idênticas. Nós só queremos um adventismo saudável fundamentado na Revelação.

Surge-nos agora uma lembrança impertinente. O articulista não se recorda daquele pobre livro do Padre Rollin sobre «O Adventismo»? Se a memória não falha, a doutrina do colega Rollin era muito diferente da que A. Veloso apresenta como «saudável» e muito católica. É certo que Rollin é frade de outra ordem; contudo, parecer-nos-ia melhor que na Igreja Católica houvesse um pouco mais de unidade de vistas sobre assuntos doutrinários de tanta magnitude.

IV — Considerações aos dizeres errados das págs. 184 em diante

a) O protestante baptista americano que pregou, no século passado, a doutrina do Advento com êxito retumbante, parece-nos

que não se chamava W. Muller, mas sim W. Miller. Erro de pouca monta, bem entendido. No entanto pode ser indicação preciosa sobre a maneira pouco atenta como o articulista procurou documentar-se.

b) W. Miller estudou as profecias do Velho Testamento e, de forma particular, as cronológicas do livro de Daniel. O Veloso articulista, de certeza, não esteve com a maçada de examinar atentamente os raciocínios de Miller com respeito a tais profecias. Se tivesse tomado tempo para examinar esses estudos, haveria de falar em termos mais respeitosos desse honrado cristão. Estariam todos doidos ou seriam todos estúpidos os milhares de homens e mulheres americanos que aceitaram as explicações de Miller, a despeito das imensas críticas lançadas naquela época sobre as suas interpretações?

Miller errou apenas, numa coisa muito simples. Esqueceu-se de uma frase de Jesus: «Daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas unicamente Meu Pai» (S. Mateus 24:36).

Toda a sua interpretação desafia presentemente a crítica mais rigorosa. Atribuiu, porém, todos os dados proféticos a um acontecimento com o qual se relacionavam indirectamente.

E tão exacta era a interpretação cronológica e tão elevados os sentimentos cristãos resultantes da doutrina de Miller que o próprio A. Veloso sabe que ficaram bem firmes muitos dos seus confrades. A interpretação desse facto não pode ser a que Veloso apresenta. Então os que se foram embora e voltaram para o mundo é que foram «os cordatos e sensatos»? Os outros ficaram «porque não tinham coração ou não tinham cabeça»? Maneira de ver muito discutível, muito pouco nítida, da parte de um articulista que nem conheceu pessoalmente o desenrolar dos acontecimentos nem tomou tempo para ler com calma as descrições dos contemporâneos. Não, amigo; os que voltaram para o mundo são a fauna dos que procuram apenas as igrejas para defesa da

vidinha. Quando as nuvens se acastelam tratam de arranjar refúgio mas, logo que a tempestade termina, já não há Santa Bárbara nem S. Jerónimo.

Deixemos ideias tristes.

Sabe o articulista que, de tempos a tempos, aparece um bom jesuíta com a ideia da eminência da Vinda de Jesus? Nós ignorávamos que o último Geral da Companhia de Jesus fosse tão fervoroso adventista. É possível também que o articulista ignore ter havido um célebre jesuíta — o Padre Lancunza — que, séculos atrás, publicou uma obra de retumbância sobre o mesmo assunto.

c) Outro erro: «Mas o adventismo não se limita a fixar — contra o ensino expresso de Cristo! — a data ou a indicar o tempo da sua vinda».

Pelo menos, cá pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, não nos consta que seja marcado data ou indicado o tempo da vinda do Senhor. Não nos responsabilizamos pelos dizeres de indivíduos. Às vezes poderão encontrar um «raro» a dizer que Jesus virá daqui a tantos anos e até temos nós encontrado quem considere como maus adventistas os que não concordem na «verdade» de tais afirmações destrambelhadas. Mas uma coisa é o particularismo e outra a doutrina oficial da Igreja Adventista.

Ninguém pode encontrar nos milhares de páginas escritas dentro da Igreja Adventista uma só indicação de data para o Advento.

O Advento de nosso Senhor dependerá da obra evangelizadora da Igreja. Já se poderia ter realizado se os cristãos não perdessem tempo a guerrear-se estupidamente, com argumentos idênticos aos do nosso articulista.

Será verdade que o Papa Pio XII tivesse escrito ao Presidente Truman: «Temos de combater todas as aberrações e, em primeiro lugar, as animosidades religiosas entre indivíduos e grupos...»?

Pela nossa parte, não nos dói a consciência de lançar ataques contra indivíduos nem de lhes chamar «comunistas» ou qualquer nome feio.

## V — Considerações a duas afirmações mentirosas

PRIMEIRA: «Sabemos de infelizes sacerdotes católicos que, infiéis aos solenes compromissos tomados no dia da sua ordenação, se amasiaram, como puderam, e assim se fizeram... adventistas.»

Não sabemos a quem se possa referir. Não há nenhum padre no nosso meio que estivesse «amasiado» quando veio ao conhecimento do Adventismo. Não se admitem nesse estado membros dentro da nossa Igreja. Nem em África! Procuramos sempre auxiliar os nossos catecúmenos a regularem legalmente a sua situação. Admitimos soltel-



O Pastor Dias Gomes à porta da Sede do Porto

ros, casados, viúvos e em certos casos, divorciados.

SEGUNDA : «Dizem-nos, mesmo, que alguns comunistas militantes se andam por toda a parte a fazer adventistas, para assim, à sombra da liberdade religiosa, minarem, impunemente, a alma das nações católicas.»

Pois disseram-lhe uma grande mentira. Será melhor irem chamando à responsabilidade tão solícitos informadores caso não desejem responder nos termos da Lei. Antigamente, pelas províncias fora, havia o hábito de chamar aos protestantes «maçónicos», «pedreiros livres», etc. Agora quer pegar a moda de «comunista».

Nós desafiamos o articulista ou qualquer outra pessoa a provar: a) Que em Portugal haja nas igrejas adventistas algum comunista militante. De forma geral e oficial, os Adventistas portugueses, embora todos eles em plenos direitos civis e políticos, abstêm-se de política, seja de que matiz for. Está assente que perdem automaticamente os seus privilégios denominacionais de ministros do Evangelho, os que manifestem pública ou particularmente qualquer opinião política. Confiamos, em absoluto, na inteligência da maioria nacional e respeitaremos o Governo que Deus houver por bem deixar estabelecer no nosso país. Oramos e oraremos sempre para que o Espírito de Deus guie e guarde quem assumir a direcção dos negócios públicos. Cada um na sua «horta». Para se cultivar a boa religião, a «saúdavel», de harmonia com as Sagradas Escrituras, é preciso trabalhar e orar muito. Não chega o tempo para política. Só podem dedicar-se a esta os ministros cristãos esquecidos dos seus deveres religiosos.

Em resumo: Os ministros e empregados da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia perdem automaticamente o seu trabalho entre nós logo que actuem politicamente em qualquer direcção.

Os crentes são admoestados a abster-se de qualquer actividade política.

Uns e outros praticam o que está recomendado por S. Paulo na epístola aos Romanos 13:1-7.



À entrada da sala de Canelas

b) Quais são as Igrejas, nos outros países, onde estejam comunistas militantes a exercer todas essas actividades indicadas: «enfraquecer as forças e os motivos de resistência, preparando o caminho e fornecendo armas aos adversários irredutíveis da civilização cristã, etc.»?

E já agora desejamos terminar com uma afirmação muito solene. Para nós, Adventistas do Sétimo Dia, imperfeitos seguidores de Jesus Cristo, «comunistas», «fascistas», «nazistas», «nacionalistas», «democráticos», «constitucionalistas», «miguelistas», etc., etc., são almas humanas, respeitáveis nos seus erros ou nas suas verdades, pelas quais Cristo derramou o Seu sangue, que têm sempre a porta das nossas igrejas abertas quando desejem ouvir o puro Evangelho do Mestre, onde nunca ouvirão uma única afirmação política favorável ou contrária às suas convicções e onde lhes será dito que a única política capaz de salvar o mundo é a que foi expressa por Cristo nos seguintes termos:

«Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós porque esta é a Lei e os Profetas». (S. Mateus 7:12).



Ficaremos por aqui e deixaremos em silêncio por agora muitas outras afirmações secundárias mas interessantíssimas. Por exemplo: o articulista insiste «na palavra dada no baptismo ou na ordenação sacerdotal». Noutros termos: indivíduo baptizado ou ordenado ministro perdeu o direito de examinar o seu Credo à luz de novos dados, até então desconhecidos. Qual das atitudes é a mais correcta: declarar que, recebida nova luz, não deseja mais continuar na igreja em que foi baptizado e ordenado ou, fechando ouvidos à voz da sua consciência esclarecida, permanecer hipócrita, traiçoeiramente, dentro da dita igreja, a renegar baixinho o que proclama em voz alta? Sejamos sensatos e respondamos a esta pergunta: que espécie da palavra deus, na hora do baptismo, um miúdo nascido há oito ou quinze dias?



Porto, vista do rio Douro

# A BANDEIRA NACIONAL

Muitas pessoas pouco sabem acerca da bandeira dos seus países e são mais ou menos cuidadosos na observância do respeito que lhe é devido. A bandeira de uma nação ergue-se pelos ideais daquele povo e devemos mostrar-lhe tanto respeito como teríamos pelos respectivos ideais. A nossa Juventude Adventista deve ser ensinada a mostrar respeito pela bandeira e a contribuir à correcta interpretação dos bons exemplos de lealdade.

Deus é Deus de ordem e na Sua providência permitiu que os povos da Terra se agrupassem em governos separados. Sendo as Nações uma ordenação de Deus, os cristãos são aconselhados a sujeitar-se aos altos poderes e a prestar «honra a quem devamos honra». É, pois, correcto, para nós, implantar ideais de patriotismo verdadeiro nas vidas de todos os nossos jovens, tanto por preceito como por exemplo.

Dêmos aqui algumas regras a observar quando quisermos mostrar o devido respeito à bandeira dos Estados Unidos e, naturalmente, os condutores da Mocidade Adventista, nos outros países, colocarão perante os seus rapazes e meninas os ideais nacionais existentes nas suas pátrias:

1 — A bandeira dos Estados Unidos só é desfraldada do nascer ao pôr do Sol ou, então, nas horas indicadas pelas autoridades.

2 — Deve ser hasteada com segurança e de tal maneira que não possa rasgar-se nem sujar-se. A bandeira deve ser hasteada com firmeza e arreada devagar e cerimoniosamente.

3 — Quando levada em cortejo com outras bandeiras, a bandeira nacional deve ocupar a direita e, se for organizada uma fila de bandeiras, deve ocupar o centro da fileira.

4 — Quando desfraldada com outras bandeiras, por exemplo a uma sacada, deve ocupar sempre a direita ou havendo outros mastros o da bandeira nacional deve destacar-se em frente.

5 — Quando no mesmo mastro haja bandeiras de outros estados ou associações, a bandeira nacional deve estar por cima.

6 — Quando colocada em paredes deve ficar sempre horizontal ou vertical e não obliquamente.

7 — Nunca se deve usar bandeira velha, rota ou gasta. Nestas condições a bandeira não é própria para ser hasteada mas também não deve ter qualquer outro uso. A melhor coisa é destruí-la em privado, queimá-la, por exemplo.

8 — Ao arrear a bandeira, necessitam-se duas pessoas. Uma pessoa pega na bandeira, nas duas extremidades do mesmo lado. A outra pega no outro lado. Depois dobram-na, fazendo coincidir os lados.

## ***Vejamos agora algumas precauções sobre a bandeira :***

1 — Não mostre nem permita faltas de respeito à bandeira nacional.

2 — Nunca permita que a bandeira caia no chão ou na água.

3 — Nunca coloque nenhum objecto em cima da bandeira nem, quando hasteada, coloque qualquer coisa acima dela.

4 — Nunca use ou guarde a bandeira em condições que possam deteriorá-la.

## ***Como hastear a bandeira nas Sociedades dos Jovens :***

O grupo de jovens que recebe a maior honra do dia é aquele a quem é confiado o privilégio de hastear e arrear a bandeira. Todos os grupos de Jovens devem estar formados tendo dois passos em frente os seus chefes e tomam a posição de sentido durante toda a cerimónia. O chefe do grupo que vai hastear ou arrear a bandeira é o porta-bandeira e a sua unidade serve de guarda de honra.

## **Podemos**

Jesus não virá sem que o mundo tenha sido evangelizado.

A evangelização da terra onde esteja uma congregação adventista é a preocupação máxima e a mais frutífera dos ministros, dos conselhos de igreja e dos membros. Tudo o resto é secundário, embora importante. Será tanto mais importante qualquer trabalho quanto mais directamente se prenda com a difusão da luz e a evangelização directa.

Todos os departamentos da Igreja são importantes. Alguém tem de assumir a responsabilidade da sua execução. Mas que ninguém dentro das congregações «pense ser alguém» se não se dedicar activamente na obra directa da evangelização.

Por certo que qualquer membro, com meia dúzia de anos de vida cristã nas Igrejas, deve ter conhecimentos mais do que bastantes para se apresentar perante pequenos ou grandes auditórios de pessoas desconhecidas e anunciar-lhes a luz que possui sobre este ou aquele ponto. Que bela atitude a de um Irmão que ocupe uma parte do seu dia de sábado ou de domingo a fazer uma reunião com meia dúzia ou meia centena de pessoas que, pelas primeiras vezes, escutem o Evangelho do Reino. Vamos tendo um corpo de obreiras bíblicas aptas a colaborar em tais esforços. A nossa juventude vai ganhando treino, gosto e conhecimentos para auxiliar estes empreendimentos missionários. Apenas se necessita, onde há igrejas, que os nossos Irmãos com experiência religiosa e conhecimento da Bíblia se lancem neste empreendimento.

Começamos, em alguns lugares, a ver a possibilidade de pôr em prática o seguinte conselho do Espírito de Profecia :

«Muitos que possuem verdadeira habilidade enferrujam-se na inactividade porque não sabem como podem fazer trabalho mis-

Sob ordem do chefe superior dos grupos, o guarda da bandeira durante a noite entrega-a ao chefe da unidade «de honra» e retira para a sua posição na formatura.

Sob nova ordem do superior, a guarda de honra avança para o mastro levando o seu chefe dois passos à frente erguendo a bandeira dobrada na sua mão esquerda, acima da cinta.

Procede-se então a colocar a bandeira na corda. Quando esteja segura e pronta a ser hasteada, faz-se ouvir a voz de «Continência» e todos os presentes fazem a continência enquanto a bandeira sobe no mastro, com rapidez.

A guarda de honra volta a enquadrar-se com as outras unidades.

O grupo que procede ao arrear da bandeira guarda-a durante a noite e vela para que seja colocada em lugar digno, não permitindo que coloquem sobre ela qualquer objecto.

### **Saudação de paisanos à bandeira:**

Ao hastear ou arrear da bandeira ou quando ela passa em parada ou em cortejo nas ruas, todas as

peçoas presentes devem colocar-se em posição de sentido e saudar. Os cavalheiros devem tirar o chapéu com a mão direita e descê-lo à altura do ombro esquerdo. As senhoras devem levar a mão direita à altura do coração.

Os nossos jovens, quando em acampamento colectivo, devem fazer a continência militar, se estiverem fardados. Cada sociedade pode escolher a melhor forma de saudar a bandeira, quando em acampamentos.

Depois de hasteada a bandeira, a nossa juventude deve formular em voz alta o seguinte voto: «Declaro solenemente a minha fidelidade à bandeira dos Estados Unidos da América e à República que ela representa: uma Nação, indivisível, com liberdade e justiça para todos».

(Extraído do *Master Comrade Manual*, preparado pelo Departamento dos M. V. da Conferência Geral).

(A mocidade adventista portuguesa é chamada a praticar estes conselhos, substituindo apenas o nome dos Estados Unidos pelo nome de Portugal).

## **apressar «Aquele Dia»?**

sionário. Mas alguns outros podem planear para tais o trabalho que eles são capazes de fazer. Estabeleçam-se pequenas missões em muitos lugares para ensinar aos homens e mulheres a maneira de pôr em acção e, assim, aumentar os talentos que receberam. Que todos possam compreender o que Deus espera deles e muitos inactivos de agora se tornarão verdadeiros obreiros... Há grande necessidade de se pôr em acção salvadora de almas todas as mentes treinadas, todas as inteligências disciplinadas, todo o jota e til de habilidade... Que ninguém pense que, por não ter um curso, não pode tomar parte activa na Obra de Deus. Deus tem um trabalho para *ti*. Não há nem uma só pessoa que não tenha um trabalho a realizar... Todo o Céu está em actividade e os anjos de Deus esperam para colaborar com todos quantos fazem planos pelos quais as almas por quem Cristo morreu possam ouvir as alegres novas da salvação. Os anjos que ministram em favor dos que serão herdeiros da salvação, dizem a todos os verdadeiros santos: «Também tu tens uma obra a realizar». «Vai, ergue-te, fala... ao povo todas as palavras desta vida» (Actos 5:20). Se todos aqueles a quem estas palavras são dirigidas quisessem ouvi-las, o Senhor prepararia o caminho diante deles e lhes daria os meios materiais que lhes permitissem avançar» (*Test.*, Vol. 6, págs. 432-434).

Irmãos e Irmãs, ser monitor da Escola Sabatina, secretário ou director da mesma, é muito importante. Os membros da Igreja, já baptizados e convictos, necessitam de aumentar os seus conhecimentos das Sagradas Escrituras. Ser um empregado de escritó-

rio denominacional é, infelizmente, uma grande maçada, um trabalho indispensável e inglório. Ser professor numa boa escola adventista é serviço muito nobre, muito espinhoso, necessitando, além do conhecimento, muita paciência de santo, coisa que só a idade pode dar. Em geral, todos estes serviços pertencem à segunda linha. Lá aparece, aqui e ali, uma alma zelosa na evangelização, com sangue nas veias, dotada do Espírito e que, à força, é acorrentada nesses trabalhos, porque este ou aquele «comité» pensou que era necessário obrigá-la a tais posições. Mas só fazem isso enquanto não apanham a porta aberta. Só ficam nesses serviços de secretária, de pequenina lição ao sábado, de mestres-escolas, os que não têm asas, não têm antenas para receber as mensagens do Além. Só se mantêm nestas posições os que ainda não ouviram o grande apelo do Mestre: «Ide, ensinaí todas as nações»; os que nunca sentiram a bênção de ver diante de si um auditório atento de centenas de pessoas ou mesmo nunca puderam ver uma só alma, na sua presença, comover-se à leitura das Sagradas Escrituras.

Qualquer serviço na Escola Sabatina só tem valor quando uma alma foi directamente abordada e solicitada a tornar-se um membro da Igreja de Cristo. Os serviços burocráticos só ganham valor quando auxiliem os que na trincheira da evangelização lançam fogo aos erros e credices e projectam a luz do Evangelho sobre as almas. Os cargos nas escolas, nos sanatórios, nas casas publicadoras, etc., só são valiosos quando contribuem de forma directa e imediata para a condução de almas nos caminhos da vida em direcção à Eternidade.

A Denominação Adventista tem de abrir falência no dia em que se perca de vista a evangelização imediata do mundo. O que importa à tua Igreja, à nossa Igreja é: «A Mensagem do Advento a todo o mundo, nesta geração».

# A INAUGURAÇÃO

## do Templo Adventista do Porto, na Imprensa local

Transcrevemos a artigo publicado no *Primeiro de Janeiro* de 7/3/1948. Uma vez mais, honrou as suas nobres tradições de jornal liberal, enviando um repórter à nossa Sede e, no dia seguinte, publicou este circunstanciado relato:

### A inauguração do moderno Templo Adventista do Porto

Revestiu solenidade a entrega do novo e moderno Templo Adventista Portuense à respectiva Congregação — acto a que veio assistir o Presidente da Divisão Sudeuropeia, Pastor W. R. Beach, que para tal fim se deslocara expressamente de Berna a esta cidade, em representação das corporações congêneres da Europa Meridional. À expressiva cerimónia, que teve a presenciá-la numerosos amigos e simpatizantes, assistiram, entre outros, os Pastores: António Dias Gomes, director da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, de Lisboa; Manuel Joaquim Lourinho, director da Missão Açoriana e representante da Imprensa mundial Adventista; Alberto Raposo, de Lisboa; Dr. J. Nunes Branco, professor do Seminário Adventista de Portalegre; os evangelistas: José Pires, de Setúbal; João Esteves, da Missão de Cabo Verde; José Simões Grave, em representação da Missão de S. Tomé; Samuel Reis, de Tomar e o obreiro João de Mendonça, de Coimbra. Do Porto, encontravam-se presentes, além de toda a Congregação, o Pastor Marcelino Matos Viegas e a obreira bíblica Sr.<sup>a</sup> D. Maria José da Conceição Montês, e, ainda, delegados de várias igrejas do país.

A reunião pública inaugural decorreu no espaçoso átrio do Templo. Depois da leitura da acta pelo secretário da igreja, Sr. José Mário Monteiro, falaram os Pastores António Dias Gomes e W. R. Beach, cujo discurso fora traduzido pelo Pastor Manuel Lourinho.

A Sr.<sup>a</sup> D. Margarida Teixeira descerrou a lápide — coberta pelas bandeiras portuguesa e americana — na qual os adventistas portugueses expressam o seu reconhecimento à Conferência Geral e à Divisão Sudeuropeia, a quem se fica devendo a construção daquele edifício.

Os Pastores e Delegados das várias Congregações portuguesas presentes ao acto dirigiram saudações à cidade e à Congregação Adventista Portuense.

No decurso destas cerimónias, realizadas no amplo salão de culto e conferências, fizeram-se ouvir um quarteto em músicas sacras e o orfeão adventista em cântigos religiosos.

Sempre com grande assistência, realizaram-se outras cerimónias de culto, como escola bíblica, sermão solene e reunião missionária, em que fi-

zeram interessantes descrições das actividades nas Missões o Pastor Manuel Lourinho e o missionário J. Esteves. Efectuou-se, também, a cerimónia baptismal de três novos Irmãos.

As cerimónias do dia de ontem terminaram com uma dissertação pelo Sr. Dr. J. Nunes Branco, actual conselheiro pedagógico do Seminário Adventista — doutor em filosofia pela Gregoriana de Roma e antigo professor do Seminário Católico de Portalegre. Nesta dissertação — que foi acompanhada de projecções luminosas — o conferente versou o tema: «A Reforma do Século XVI e suas consequências espirituais».



O novo Templo dos Adventistas — implantado na Rua de Ferreira Cardoso, desta cidade — é um edifício moderno, delineado com sobriedade, dentro do carácter próprio ao fim a que se destina. Sendo o primeiro Templo, no género, levantado no Porto, é o segundo, em grandeza, dos existentes em Portugal. A sua construção custou mais de um milhar de contos. O Templo é rasgado por amplas janelas, e pelos seus vitrais entra uma luz suave. No salão de culto e conferências existe uma tribuna e, também, um coro alto. O baptistério, onde se fazem os tradicionais baptismos à maneira dos textos bíblicos primitivos, encontra-se ao centro da tribuna. Naquele Templo existem, ainda, outras dependências destinadas a outros serviços, nomeadamente as salas dos jovens e as de obras de beneficência.

A Congregação Adventista do Porto nomeou beneméritos da sua nova igreja os Pastores A. V. Olson, vice-presidente da Conferência Geral e W. R. Beach, presidente da Divisão Sudeuropeia, que arranjaram os fundos necessários destinados à construção.

Das cerimónias a realizar hoje consta:

Às 9 horas, reunião de ministros adventistas; às 15, visita ao Grupo Adventista de Canelas; às 17, visita ao Grupo Adventista de Avintes, e às 21, dissertação pelo Pastor W. R. Beach sobre «A Acção Missionária Mundial dos Adventistas».

Em todas as reuniões haverá cânticos orfeónicos, hinos e músicas sacras por um quarteto.